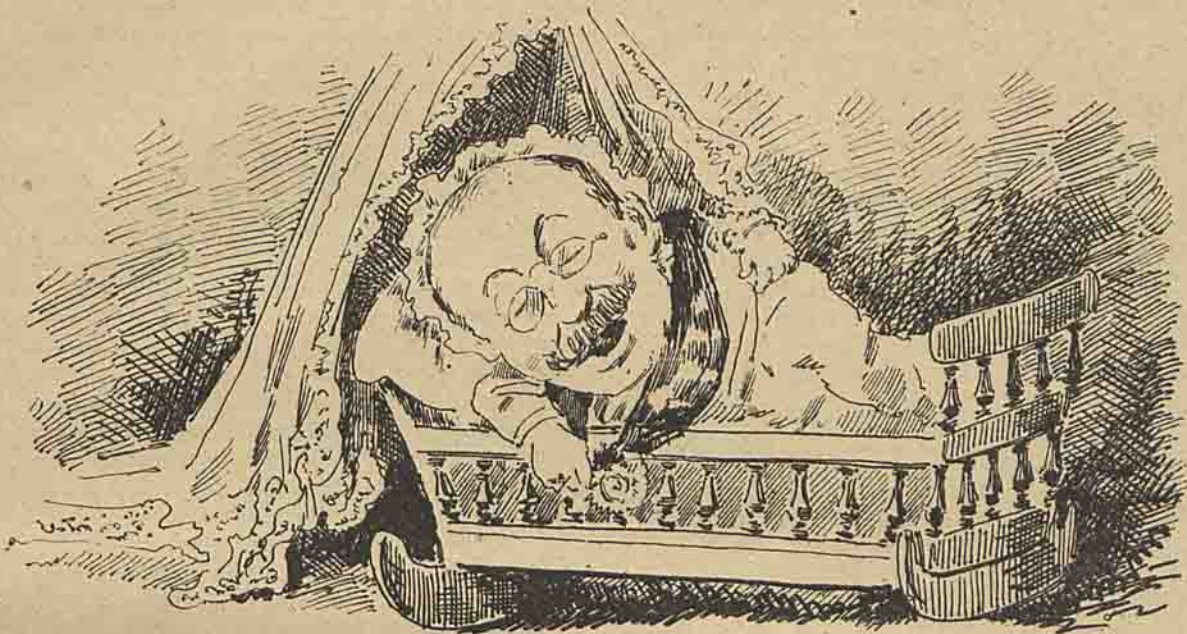
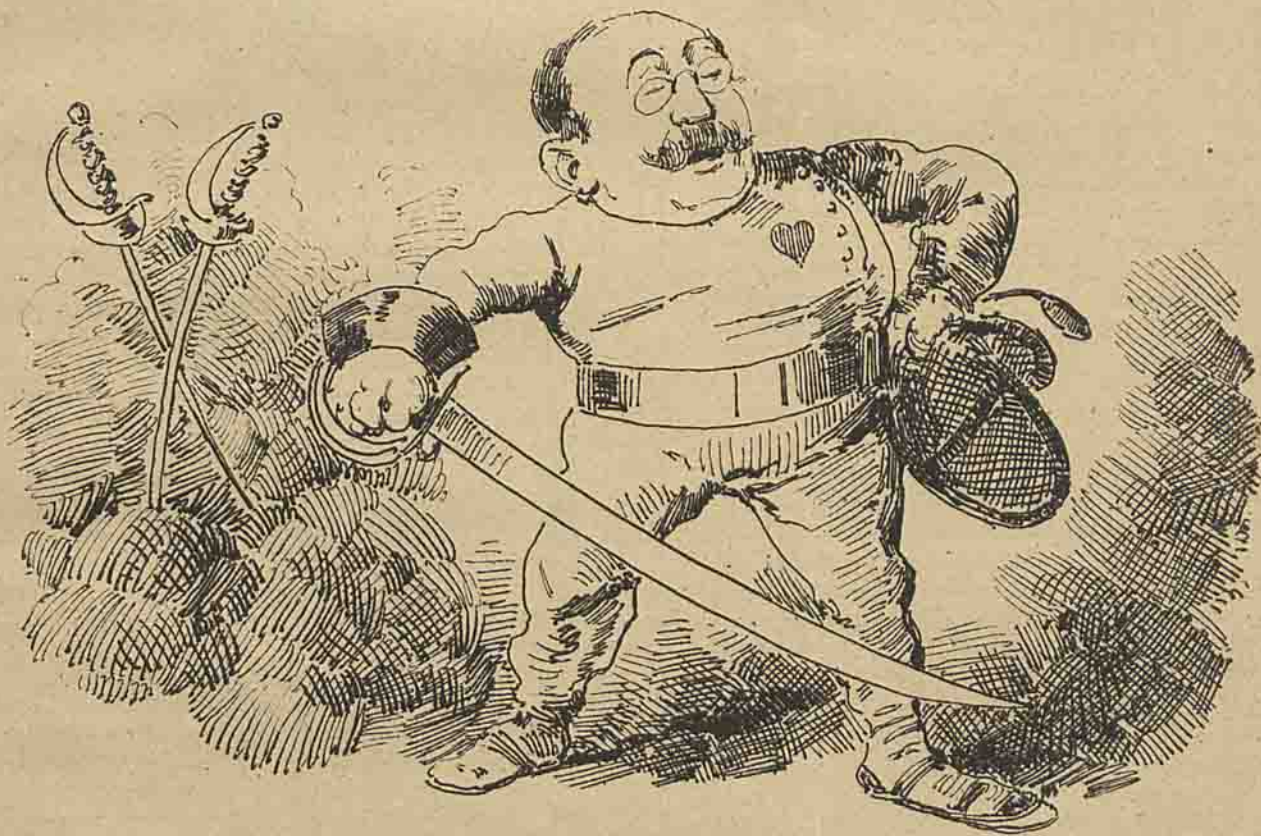


# BELLA SONECA!



Depois de fazer *chichi* e de apanhar a sua bolacha, para a soccga, *bébé* fechou os olhos e começou a fazer *ósinho*.



Dormiu... dormiu... dormiu... até que acordou finalmente, quarenta anos depois, já um homem-zarrão, armado até aos dentes, irado e até facundo, ameaçando a terra, o mar e o mundo!...

## POR AHI...



Toda a colonia forasteira de banhistas que se estende ao longo do Bom Successo, Pedroços e Algés, accordou hoje, terça feira, ao cantar dos gallos circumvisinhos.

Nós dormiamos, cerca das cinco horas da manhã, dormiamos aquelle somno delicioso das madrugada de setembro, já cantando por Thomaz Ribeiro—se estamos bem lembrados—dormiamos

despenhado no vortice dos sonhos, como lhe chamou o immortal Castilho, e esse vortice matutino tinha todo o tom local, todo o cunho apropriado a quem se a cha n'uma estação de banhos, visto como era precisamente com uma praia de banhos que nós estávamos sonhando.



Aparte umas insignificantes modificações, a praia do nosso sonho era exactamente como todas as praias d'este mundo.

As modificações consistiam apenas em que a areia era de ouro fino—como a do patrio Doiro de João de Lemos, já que estamos hoje em maré de citações poeticas—as vagas cor de rosa, e as banhistas todas raparigas encantadoras.

Já veem que, abstrahindo o caso verdadeiramente phantásioso e evidentemente sobrenatural das banhistas encantadoras, tudo mais não passa d'uma simples questão de cores, que aliás se evitaria se a caprichosa natureza tivesse tingido as rosas de verde, tingindo as vagas de cor de rosa, e se, assim como fez areia encarnada para uso dos cambistas, também tivesse feito areia cor dos broches do **103** para uso dos banhistas.



Sonhávamos, pois, com um banho delicioso, dando mergulhos deliciosos, entre dezenas de raparigas deliciosas,—um verdadeiro mar de delicias...

E dormiamos deliciosamente, todo satisfeito e estatelado pela vastidão enorme do nosso colchão de palha de milho, com o corpo de bruços, na posição precisa de quem vae nadando de frente e se prepara para nadar de agulha, quando de repente... *pum!*

E d'ahi logo em seguida... *pum!*

E um instantinho depois... *pum! pum!*

E logo atraz... *pum! pum! pum!*

E o nosso olho, levemente agitado mal se dera o primeiro *pum*, acabou finalmente por abrir-se em toda a sua redondeza, á força de tantos e tão repetidos *pums!*

E a narina, seguindo o movimento do olho, abriu-se também, pelo que percebemos que andava no quarto um cheiro de polvora tão activo quanto inexplicavel.

N'um quarto de minuto sahiamos do quarto da cama, e d'ahi a um quarto d'hora estávamos á janella do quarto de vestir.



E a todas as janellas da vizinhança assomavam cabeças desgrenhadas e semblantes interrogativos, como que perguntando ás auras que passavam a causa d'aquelles *pums* ou a proveniencia d'aquelle cheiro.

Da varanda fronteira á nossa, uma gentil noiva, que hontem mesmo se casára, conversava a meia voz com a vizinha do segundo andar:

—Tão cedo e já de pé? ! perguntava esta, n'um sorriso visivelmente intencional.

—Então que queres? respondia a noiva, tomando a nuance da purpurina rosa com que a aurora vinha no ceu pintando as côres; então que queres?... exactamente quando ia a pegar no somno é que entrou D. Carlos em...

Não podémos ouvir o resto, mas comprehendemos tudo; a gentil noiva despertára como nós, ao som dos *pums* da torre de Belem, saudando a entrada do principe D. Carlos no porto de Lisboa.

E a vizinha da noiva, uma quarentona já rasoavelmente madura, que ha mais de dez annos sahira da pista do casamento, respondia com uma inflexão de fazer chorar as pedras, á sua gentil interlocutora:

—Feliz de ti, cuja primeira noite de casada coincide logo com a entrada de D. Carlos... Eu sou tão infeliz que havia de casar cincoenta vezes sem que me acontecesse semelhante coisa...



J. T.

## GENTE FINA



Na quinta feira, á hora em que o nosso ultimo numero sahia para o meio da rua, a tentar os tres vintens dos nossos estimaveis leitores e das nossas estimadissimas leitoras, sahia também, mas para o meio do oceano, a tentar fortuna nas terras de Santa Cruz, Guilherme da Silveira, nosso amigo e um dos mais distinctos artistas que trabalham na scena portugueza.

O nome de Guilherme da Silveira na secção *gente fina*, parceria, aqui ha uns mezes e physicamente considerado, uma d'aquellas ironias que os gordos jámais perdoam... Presentemente, porém, é tão

bem cabido como se nos estivessemos dirigindo ao nosso collega Augusto Ribeiro!

Guilherme da Silveira está magro,—magrissimo, para o que elle era—tão magro que lhe demos sem esforço o abraço da despedida, coisa que nunca tinhamos conseguido—á falta de braços que chegassem.

Quando elle voltar, muito desejaremos tornar a não poder abraçal-o—tão *inchado* elle se apresente com as victorias de artista conquistadas em scena e com as *victorias* de cavallinho arrecadadas na algibeira. Amen.



## SALÕES, PALCOS E CIRCOS



Os theatros estão como as flores em vindo a primavera, ou como as ostras em se pondo no fogo:—não tarda que comecem todos a abrir.

O do *Chalet do Rato* esse não está como as ostras, está como a pescada—que antes de o ser já o era—visto que já está aberto antes da época official da abertura.

N'esta paz podre de theatros, o *Chalet* dá-nos guerra todas as noites, mas guerra onde não ha cheiro de polvora que faça torcer de descontente o nariz dos espectadores, guerra, pelo contrario, saudavelmente aromatica, como pôde ser uma *Guerra do alecrim e mangeronna*.

Essa famosa comedia, que fez ha um par de seculos as delicias dos nossos avoengos, e que contribuiu para que o seu auctor fosse assado vivo; essa espirituosa comedia está fazendo agora as delicias dos nossos contemporaneos e contribuindo para que os seus *arregladores*, João de Mendonça e Julio Rocha, em vez de morrerem no fogo, se arrisquem pelo contrario a morrer afogados, visto que andam positivamente nadando em dinheiro!

A peça repete-se todas as noites, e cada vez com mais exito e mais espectadores, a ponto de que se vae tornando necessario metter dobradiças no theatro para accomodar os espectadores e dobradiças no cofre da empresa para accomodar o exito — trocado em miudos!

Bem diz uma velhota das nossas relações, quando se gaba de que, lavada e arrebicada, ainda vale mais de que muitas raparigas que por ahi se pavonciam de gentis...

Assim tambem, a velha *Guerra do elecrim e mangeronna*, está levando as lãmpas a muitas collegas juvenis, mercê da boa massa de que foi feita e mercê tambem dos alchimistas João de Mendonça e Julio Rocha, os dois Althotas theatraes que descobriram para as peças carunchosas o segredo do elixir da longa vida.



## O HOSPITAL DAS CALDAS

O dr. Manuel Gomes, um medico distinctissimo, um talento provado, teve a generosidade de ir estudar, á sua custa, os hospitaes e thermas do estrangeiro, para vir ensinar, educar e trazer a bom caminho o eterno Pim.

Lamentamos esse esforço inutil, porque Pim conservar-se-ha em quanto viver—e talvez mesmo depois de feito em sisco—no logar de director do hospital,

porque é e será sempre quem tudo pôde, ordena e manda, como dono da locanda, lá porque artes não se sabe, o que é verdade é que o é. Todos se queixam, todos se lamentam, mas elle fica, apesar de tantas queixas e lamentações.



O sr. dr. Gomes trará importantes estudos, trabalhos conscienciosos como s. ex.<sup>a</sup> os sabe fazer, explical-os-ha ao conselheiro Pim, por ordem do sr. conselheiro José Luciano. Pim ouvirá, dirá que sim, e em seguida o dr. Manuel Gomes verá que o clinico sabio continuará a ser o Sebastião da Copa, que as inhalações continuarão a ser dirigidas pelo impertinente fedelho que cá está, e os pobres banhistas continuarão a dar pulverisações na lingua e na ponta do nariz, e a dizerem que não tiram resultado das aguas, a agua do mar continuará a vir ás pipinhas, as rodas movidas por coxos; o club burrificador, os terrenos vinhateiros—bebida prohibida aos banhistas—tudo continuará na mesma, porque Pim é de pedra e cal, será o monumento eterno das Caldas—e o dr. estragará o seu latin, e ninguem substituirá Pim, para que se não perca um galopim, que faz deputados com o pó de *perlimpimpim*.



## DE VEZ EM QUANDO

N'UM BAILE

*D. Alice, muito despeitada e desdenhosa*:—Custa a crer como o Armando, um rapaz tão elegante, se apaixonasse pela viscondeça! E' bonita, é espirituosa, mas sempre veste muito mal!...

*Uma amiga*:—Pois sim; mas, em compensação, faz o contrario muito bem...

A BORDO D'UM VAPOR

—V. ex.<sup>a</sup> enjoa?

—Tenho epochas. Emquanto fui solteira nunca enjoiei; logo em seguida ao casamento passei a andar enjoada desde pela manhã até á noite; poucos annos depois já não enjoava; e agora começo a andar muito enjoada... de meu marido...



# OS TRES RATAS

São estes os que se revesam na bola do poder, saindo uns enquanto outros entram.



Yo soy el rata primero...

Yo soy el segundo...

Yo el tercero...

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

## FÓRA DE PORTAS



mesmo tempo que lhe entra por outra porta um socio do club, indagando se já está compromettida para a primeira valsa!

E d'ahi a cinco minutos, a banhista, nos braços do-dejantes do prazer—representado por um segundo official de secretaria—polka-mazurcando alegremente, faz gemer sob os seus sapatinhos de vitella (sem mendonçaecosta) as taboas do *Chalet Club*—n'aquella gemedura suave d'um ramo de madre-silva, vergando sob a pressão mimosa dos pés d'uma andorinha... ingleza.



Reina ali, todas as noites, a maior animação.

Até chega a parecer um repto de principios politicos, aquella *reinação* do *Chalet Club*, a dois passos do *chalet* do Magalhães Lima!

Sobretudo no ultimo sabbado, a animação chegou ao ponto de espadana, tocando as raías do delirio, ao mesmo tempo que tocava a banda dos marinheiros militares!

A sala improvisada do club, que já é deficiente para conter os polkistas *aficionados*, que vão ali dançar a polka nossa de cada dia—isto é, a polka d'elles de cada noite;—a sala do club estava na noite de sabbado a deitar por fóra, quer dizer, estaria a deitar por fóra se tivesse por onde, uma vez que as portas se conservavam constantemente obstruidas de pernas, sequiosas por darem de si nas valsas, muitas das quaes pernas tiveram, mau grado seu, de regressar ao domicilio com a vontade recolhida.

E se algumas, venturosas, conseguiram esquecer maguas e dançar polkas, foi devido a um engenhoso expediente, sem o qual se havia de optar ou pela dança, ou pela musica.

Como a banda dos marinheiros occupava não só o logar habitual do piano, como ainda o espaço destinado aos valsistas, está claro que estes não pdiam valsar, a menos que não mandassem embora a musica, resolvendo valsar a secco...

Era uma segunda edição d'aquelle celebre e celebrado casamento em que se havia de cortar a cabeça á noiva ou os pés á mula...

No caso sujeito tinha de se cortar as pernas aos valsistas ou a cabeça aos trombones...

E trombones e valsistas meditavam profundamente sobre o caso, quando por felicidade lembrou o tal engenhoso expediente que veio salvar a situação. Como o continente era só um e os conteúdos dois, resolveu-se que os valsistas valsassem dentro dos trombones, ao mesmo tempo que os trombones tocavam dentro dos valsistas!

*F. J.*

## POLITICA EM BOLANDAS



### O DUELLO—EPISTOLA

D'um duello—dos de morte—  
Correu a negra noticia.

—E era grave por tal sorte  
Que alto, rijo, feio e forte,  
Fez bufar toda a policia!

Sarmento, o mais graduado,  
Bufou com furia damninha!  
Os mais, já tinham bufado...  
—Um bufar desabalado!  
—Um bufar em toda a linha!

A policia, atomatada,  
Deu sem treguas á canella;  
—Sem dar co'o fio á meada,  
'steve quasi, desesperada,  
Vac não vae, a dar com ella!...

O sangue—se se effectua  
Tão sanguinario combate—  
Seria tal n'essa rua  
Que os carrapitos da lua  
Ficavam côr de tomate!

Tudo morria afogado  
No sangue d'essa peleja,  
Restando, como salvado,  
«Dez lords, fugindo a nado  
Sobre barris de cerveja!»

Tremeu Macau e Sinfães,  
Timor e a rua da Adiça!  
E el-rei d'aquens e d'alens,  
Dava a c'rôa e tres vintens  
P'r umas boias de cortiça!

.....  
Mas a bomba nunca estalla,  
Nos peitos não se abrem fistulas,  
Nenhum morto vae p'ra a valla,  
Não se troca uma só bala,  
Trocam-se apenas epistolas!  
.....

Uma vez que houve um duello  
Sem metter ferro nem fogo  
E que fez gemer o prelo  
Só com *cartas*—eu me mélo,  
Se o duello não foi *jogo*...

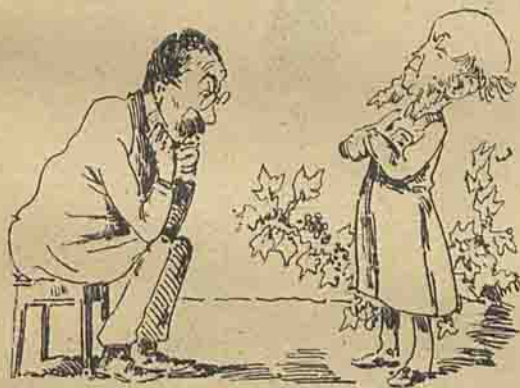
Ora então—sabeis que mais?—  
Era melhor, com franqueza,  
*Jogar* com cartas leaes,  
E em vez de as pôr nos jornaes  
Pôr antes—*cartas na mesa*...

*Paulo Tarantula*

COITADOS!!!



—Coitado do Conselheiro Pimentel, que está amarrado aos banhos e pede a reforma e não lh'a dão.—Coitado!



—Coitado do sr. Conselheiro José Luciano, que não tem força deante de Pim.—Coitado!



—Coitado do sr. Barão de Viamonte, primeira autoridade do districto, deante da qual outro poder mais alto se alevanta:—Pim.—Coitado!



—Coitado do sr. dr. José Phillipe que tem de submeter a sua clinica ao dr. Sebastião da Copa que tem diploma medico de Pim.—Coitado!



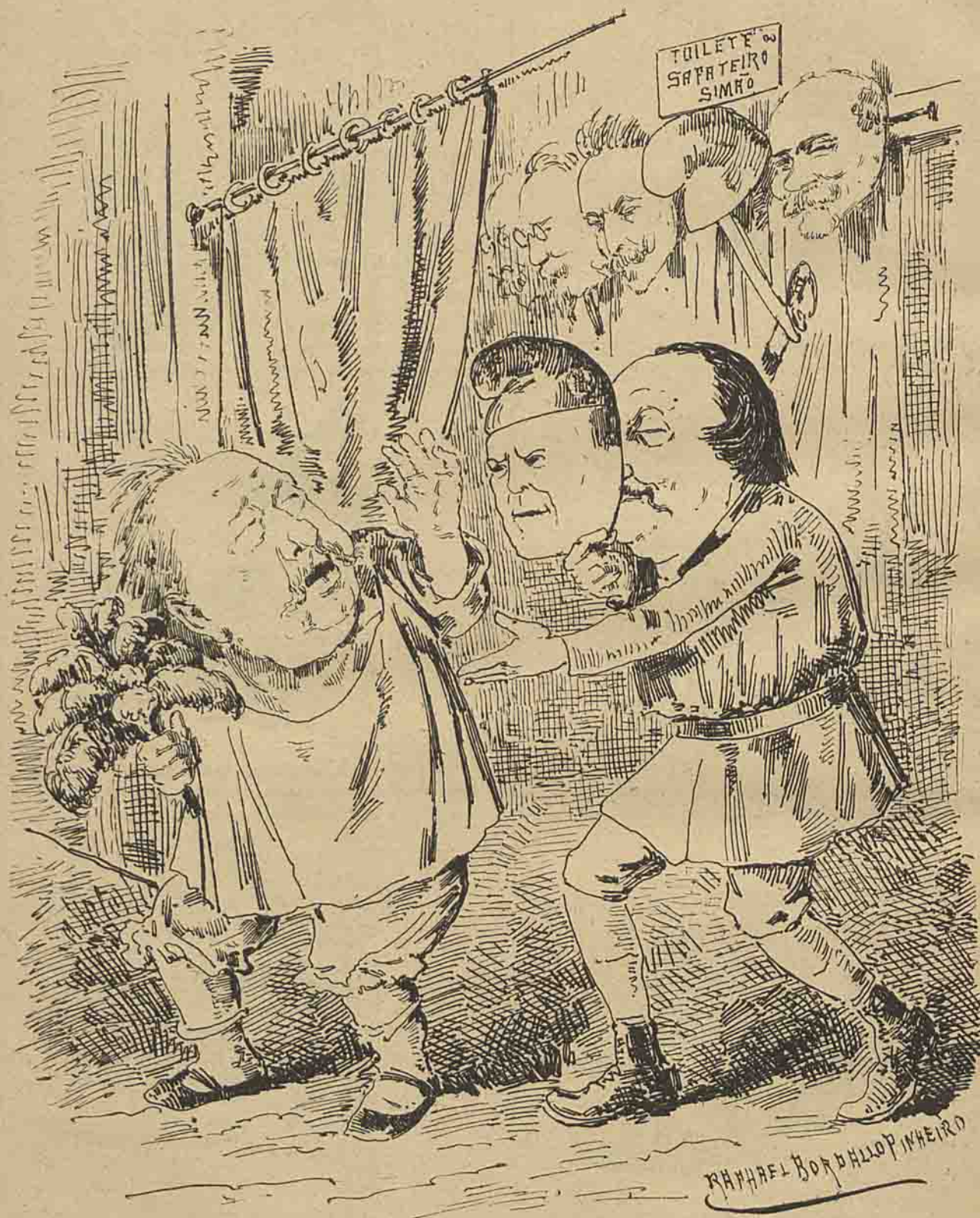
—Coitado do sr. Gomes Netto que tem de trazer Pim debaixo d'olho e debaixo d'aba para não perder a sua influencia das Caldas.—Coitado!



—Coitado do sr. Manoel Gomes que terá d'ensinar e explicar tudo o que estudou e que viu no estrangeiro, ao cabeçudo Pim, trabalho inutil, porque burro velho, não aprende linguas.—Coitado!

—Coitados dos banhistas e dos que aqui estão, que tem de aparar todas estas caridades...

## O PAPÃO



A nova guarda roupa de que o sr. da capa-rôta se vac servindo, para metter medo ao *Lulusinho*, afim de lhe apanhar o penacho ambicionado.

— Se o menino der o penacho, digo ao papão que se vá embora... Mas se o não da, vou eu proprio fazer causa commum com o papão...